

I

Continuação de uma história

A Fuga do Cinema (4ª Parte)

Tradição

TERMINEI A EDIÇÃO 38ª deste Jornal, falando das volantes de 1978. Que naquele dia no cinema se reunira para as buscas dos prisioneiros da fuga pelo cinema da Vila Dois Rios, no tempo do Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM). Eu quero agora, transcrever alguns apontamentos velhos da época, que tem a continuação da história, relatando o que aquela gente obstinada das volantes fez, frente a uma fuga consideradamente desastrosa conforme foi o caso de "A FUGA DO CINEMA". Diante dos VESTÍGIOS que inicia na saída do "túnel". Confirmando aí a caminhada dos fugitivos, sob o mato crescido durante as obras do prédio do Presídio Anexo, misturando se ali os internos desta fuga, aos internos obreiros e, saindo do outro lado do canteiro de construção daquele prédio, deixando no chão as marcas que foram seguidas.

Os internos em fuga passaram dissimuladamente por dentro do Estábulo

(estrebaria) que, fica numa área de terreno formando um pentágono nos fundos da Prisão. Esta área é cercada de arame farpado de dois lados, e os outros três lados, deste pentágono irregular confronta-se com os seguintes rios:

_ O rio da Usina, formado pelas águas que correm da Usina Hidroelétrica construída, junto da Prisão, no final dum horto na pequena várzea.

_ O rio da Barra Grande, formado pelo vale da cachoeira que corre da Olaria. E, o Valão Preto lamacento que recolhe a água usada na Prisão.

A área ocupada pela estrebaria, tem de um lado a estrada que leva ao Mar-Virado e, na parte de baixo, o rio da Barra Grande, formando um grande charco localizado na margem, do outro lado da Barra. O Cemitério da Vila Dois Rios atual, está mais acima do charco, cujo, seu início começa pouco acima. Na margem esquerda da Cachoeira que desce da Olaria.

O Cemitério, propriamente dito, ocupa uma área toda limpa, como se fosse um roçado grande cheio de estacas em forma de cruz. Ali ninguém passa sem que seja percebido de longe, o que foi plenamente descartado pela Volante. Por esta imediação, seguindo a cachoeira que vai até a Olaria do Presídio, peritamente _ prefiro dizer assim. Alguns volantes do mestre Francisco Euzébio, insistiram perseguir os fugitivos, seguindo os vestígios deixados pelo bando da Fuga do Cinema.

João Lucas o nosso (Pirata) , a bem dizer “o escudeiro fiel” de José Augusto Ferreira, como sempre foi muito perito em tudo que faz, acabou confirmando alguns rastros na margem desta cachoeira, vasculhando-a com os guardas de presídio: João Pereira, este é o homem que nasceu na Enseada das Estrelas por isso tem uma estrela brilhante para perseguir preso na mata, Antônio Cordeiro da Gama o (Farofinha) ou simplesmente Toninho filho do velho chefe do Estábulo da Colônia Agrícola do Distrito Federal simplesmente tratado pelo nome Gama, nada mais, e por final o policial Jovelino numa investida só, dos quatro volantes; Francisco Euzébio já conhecia de perto o teu pessoal que, desvendara a trajetória dos fugitivos, o bastante que pode conferir depois, mais a cima da vila de Colonos-Livres.

Nestas horas a diferença se faz sentir porque, a Volante se vale da tese que defende, com toda certeza afirma que, rastro de preso em fuga é diferente de qualquer outro rastro; esses saíram na estrada e ainda os infelizes desbravaram a ribanceira da cachoeira que vem da Olaria, com suas pegadas na subida da margem direita para sair na estrada a que, leva ao Mar-Virado.

Parecendo ser mesmo este o objetivo maior do bando que, rompera o pequeno povoado numa passagem inicial e vestígios confusos.

Sendo assim, ficara confirmado que, da Estrebaria ou estábulo chefiado pelo senhor Gama, os internos em fuga seguiram por dentro da cachoeira, passando pela entrada do

Cemitério por debaixo da pontezinha que liga uma margem da cachoeira a outra e, daí pulando de uma pedra a outra foram até, bem depois da Vila de Cólons-Livres e saíram mais acima desta vila na estrada, seguindo os quatorze internos, caminho afora para o Mar-Virado. Tendo como auxílio uma alma penada que lhes sevem de guia dita como sendo Gravatinha, um interno que mete medo em quem encontrar com ele no caminho, por ser um sujeitinho que mais parece um zumbi que ronda o cárcere fora de hora, tido como morto reanimado, figura encantada, descerebrada, produzida pela seita da sociedade secreta dos presos, que vem praticando assassinatos pelas galerias da prisão em ritmo de rituais onde a transfiguração é feita, quando não os cadáveres aparecem dilacerados.

Debaixo do palco do cinema da prisão (IPCM), essa súcia deixara aberto um túnel, ou seja, no subterrâneo um buraco e nas paredes deste, ainda estão muitas marcas de unhas, sem exagero da comparação, confirma que no meio do bando vão alguns lobisomens ou pelo menos um zumbi como imagina. O que precisa tomar muito cuidado para não desaparecer no mar ou na floresta cheia de tocas.

A escavação de passagem do referido túnel está a mais ou menos, a um metro de profundidade, parece que esta foi preparada com exclusividade para o criminoso do “Bigode grande” e o bando seu fugir através da base inicial da parede. Conseguiram romper o alicerce e saíram do lado de fora, bem próximo da muralha, quase debaixo da guarita policial, ali encima do muro a guarita está voltada para o interior da prisão, tal vez por isso, o policial da sentinela, não se deu conta do acontecido.

Aí sim teve início o rastreamento dos fugitivos, sob o mato crescido até as obras do prédio Anexo. Misturando-se neste local, os internos desta fuga aos internos obreiros e, saindo do outro lado do canteiro de obras da construção daquele prédio.

II

Agora com certeza disfarçadamente os internos em fuga ganharam o Estábulo e a sorte ajudou. Isto por que foi justamente, no momento em que o chefe não se encontrava no setor de trabalho. No momento da fuga ele visitava algumas amigas da Vila de Colono-Livre, como é do seu costume Sebastião Gama fazer, saiu com seu amigo do peito, o parceiro Antônio Chagas, para tomar um cafezinho na casa de uma delas, cujo, a que mora aqui perto defronte.

Já era passado das dez horas, o chefe Sebastião Gama estava tratando dos animais da estrebaria. Foi quando lhe veio um chamado de uma amiga. Ela queria falar com ele a toda pressa. Lá chegando viu a moça na janela, linda de cara triste, com fisionomia de raiva maior que a do costume:

_ Aqui estou eu para vos servir, Princesa.

_ Olá, meu contador de histórias!

Respondeu a moça _ e passou as ordens: Quero combinar a continuação das histórias com vocês numa sessão a tarde inteira de hoje, aproveitando que não se pode sair de casa por causa da Fuga do Cinema. Estou sim, ligeiramente aborrecida com essa pantomina de fuga e quem paga é a gente. Queria ir à praia, não posso!

O Gama, chefe do Estábulo tem de costume se ajuntar no local com o seu amigo de aventuras, o Inspetor Chagas. Vez ou outra se afundam nas tardes em casa de moças que acha graças e enchem os olhos de lágrimas pelas histórias contadas por eles, aí vão a fundo.

Para agradar, Chagas faz de tudo que lhes pede as moças. Para isso a sua veia de historiador é rica por de mais. E são muito grandes as suas mágoas, para dar sofrimento bastante às histórias e torna-las interessantes. Depois de uma boa sessão de casos contados voltam os dois amigos para o local de descanso, para dormi e sonhar com as suas fantasias, recostados cada um, no seu cadeirão de couro cru, num canto do celeiro que fica a um canto do curral dito estábulo. Para no outro dia a dupla amanhecer com força total para contar cada vez

mais histórias, quando são chamados à casa das amigas, por meio de recados que o faxina de confiança da estrebaria lhes trás.

O chamado, uma vez ou outra, é para no mesmo dia ir historiar na casa da amiga Aninha. Aceita, outras vezes não. Quando aventura a aceitar o convite. Gama e Chagas como parceiros do peito sobem a estrada, no caminho já vai tomando pé de muita coisa e concatenando a narração.

Chega e encontra o dono da casa, como é sempre o mesmo preso colono-livre pai de uma moça muito bonita. A desculpa para chegar é a de sempre, estar aborrecido e precisa de um ambiente diferente que possa esfriar a cabeça. Nunca que a estória da desculpa é bem contada. Faz questão de guardar segredo e pede respeito.

O colono concorda, mancomunado com sua menina. Moça vistosa que viera de um lugar não sabido da Cidade do Rio de Janeiro. E tanto fez que, ela viera para a casa dele e ficara ali meio amoitada como filha registrada. – E, vive agora fazendo o que a moça lhe pede. Ela pensa ganhar um dinheirinho inventando alguma coisa e, arrumando um jeito de ganhos com flerte. E assim leva a vida sem transtornar para não ir embora.

Ali a dupla chega de mancinho. A casa parece um cafofo disfarçado. Há pouca luz no local que ninguém se vê direito o chão. Mesmo sendo um dia claro. A casa cheia de moças suas amigas, a sala repleta e a dança pega a valer dinheiro. E assim vai a moça arrumando o que quer. Se dança ali todos os dias. A dupla chega e vai logo para onde está o colono. Um homem um pouco envelhecido. Embora sendo preso, mas é um homem de respeito, barbeado como sempre. Uma pessoa e tanto. Está sempre pronto para qualquer desafio. Que tem de apreciar momentos que se impõe a um espetáculo como este não evidentemente, para ensinar a mais ninguém a quilo que eles sabem, mas para fazer rir, gostar e acima de tudo prender um momento da atenção diante das histórias que a dupla de amigos patrocina nas suas sessões.

O Chagas, comumente, conhecido como Zizinho, encarregado de serviço da Divisão de Obras do

Departamento do Sistema Penitenciário (DESIPE) que, mal tem um serviço para ele no Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM) na Ilha Grande, já está ele ansioso para voltar à enseada oculta e remansada que banha a praia da sua querida Vila Dois Rios, onde encontra os amigos e também particularmente o velho amigo Gama. Ambos da mesma geração moral pautaram, a infância dos filhos num antepassado glorioso que deixou marcas na terra é, no fundo, a história dos grandes homens antigos que estou tendo o prazer de conhecer aqui ainda trabalhando: O Gama no Estábulo e o Zizinho nas obras do presídio (IPCM).

Essa dupla alegre a moçada na casa onde eles freqüentam, fazendo ouvir histórias das mais variadas, entre a coletânea está a bicharada da mata como a macaca Tiana que eles inventaram e o Gambá que criaram para ele um mundo mágico, e, também há personagem que são príncipe, gigante e cobra que em narração na voz deles vira princesa e etc., além de outras invencionices que afirmam botar no meio das histórias para aumentar o enredo do dia. De maneira que a criançada rir, e a casa torna uma casa de belos espetáculos, e a mulher dona da casa afirma quer que seja assim mesmo a casa dela, sempre alegre. E concorda com ela o velho pai preso dono da casa. Que não faz mais do que pedir e incentivar o movimento:

— O senhor precisa contar alguma coisa Senhor Chagas. Neste momento Chagas pede para mandar chamar mais moças na redondeza. E aí a cozinha da casa fica cheia com gente de fora, e logo que lhes são vistos corre e são tomados pelo nome que lhes arranjam, provisoriamente como se personagem da história fossem, e todas elas querem que, metem logo a língua nos dentes. Mas a dupla, de velhos contadores de histórias, vão dizendo que só

começam a contar depois que todas vierem para a sala, que eles dois estão ali a chamado delas. E se fazem de donos da situação. A dona mesma da casa é uma beleza sem igual:

— Rapazes — ela diz com toda delicadeza.

— Venham contar qualquer coisa.

Elas vibram quando um deles começa a frasear um pouco de uma história: “... nunca um pobre bateu em sua porta que não recebesse uma esmola. Seu Gambá era um santo. Numa noite, chovia muito. O vento soprava com uma fúria danada nos pés de manga, querendo quebrar tudo. Fazia muito frio, a chuva roncava e tão forte era a água de morro abaixo que fazia medo. Então seu Gambá ouviu que estavam batendo na porta. E chamando:

— Ô de casa — gritava do lado de fora.

— Ô de fora — respondeu o artesão.

E foi abrir a porta.

— Pode entrar minha amiga — disse o dono da casa.

Pois era a macaca Tiana, muito conhecida nas redondezas pelas suas travessuras nas bananeiras.

— Boa noite, seu Gambá — disse a macaca, arquejando de frio — venho de muito longe, de muito longe mesmo, ...”. E assim iam narrando eles a história da macaca, uma tal de Tiana e um tal Gambá que trabalham numa floresta encantada, um com o outro.

Já se vê neste momento gente chorando baixinho de tanto rir. Moças grandes enxugando lágrimas. Tem que botar nestas horas, umas versões intrometidas, mais umas e outras coisas no meio do caso. Sabendo eles que história tem que ter embuste. Se não fica muito sem graça. Aí ninguém mais quer que eles parem de contar os casos que são histórias do tempo antigo da Vila Dois Rios na criação da dupla formada do nada, contadora de história. Um deles sai de uma história e o outro entra, e a dona da casa sentada ali coladinha no Chagas, pedindo para contar mais.

III

Passado um bom tempo, o Inspetor Chaga me aparece e conta o que se passou com ele: nunca tinha visto uma moça que se parecesse com aquela se referindo a Ana Moça. A gente contava tudo que sabia, inventamos os capetas, tudo como se tivesse entrando na cabeça nossa uma sabedoria estranha e ela queria mais. Mas Ana Moça com aquele jeito de ser, acabava deixando a gente gostando dela. Quando ela levantava da sala para atender algumas das amigas pedindo-lhe uma coisa qualquer da cozinha e demorava um pouco por lá, me despertava um pingo de ciúmes sem eu saber por que. Começava a gostar da bonita criatura, dona de um cheiro sensual, daquele seu talhe de mulher moldado em contornos graciosos, lavados e perfumados de manhã e de tarde. Mas o amigo Gama espiava a todo movimento e observa: Ana Moça não tirava era mesmo os olhos de mim. Eu olhava para os lados procurando ver se era com outra pessoa. Não tinha quem seria. Era mesmo comigo. Nem queria imaginar. Aquilo era um sonho, só poderia ser mesmo um sonho. E não é. É pura realidade ver uma deusa comendo com os olhos a gente. Para abrandar a dúvida, levantava, saía da sala e dava voltas pelo redor da casa, no terreiro, voltava a seguir quase com certeza de ser uma armação: O preso colono-livre Genedir, ora bem alojado na primeira casa da Av. São Paulo, bem defronte a porteira de entrada do Estábulo. Instalado ali com família a pedido e compuseram a vinda da moça Ana para a ocupação da casa. Neste instante a vida do homem renasceu na condição privilegiada, trabalho por trabalho sempre trabalhou, mas agora é diferente. A luta de todos os dias continua. Como não teve interrupção, principia um burburinho de vida nova com moça em casa e muita visita para ela viver feliz.

Para o preso, por certo, uma coisa começa a existir fora do cotidiano, que dizer: fazer alguma coisa diferente aos outros e botar seu coração para agir. Por que as coisas começam a

existi com outro aspecto. E assim a vida do faxineiro começa variar de valorização que ele está tendo nas coisas. No mais ele, continua fazendo tudo como dantes fazia. As suas obrigações de preso faxineiro de um grande setor de criação são as mesmas. Apenas agora parece que é outro. No isolamento das suas horas sozinho, se tivesse forças, fugiria que nem o Bigode, para o fim do mundo. Criando asas e subindo para os altos, que fosse para onde bem quisesse e largaria tudo. Sua filha é uma sombra, vê com uma remota recordação, embora, ela existe. A mãe por certo vive com outro. E apenas guarda uma recordação na cabeça. Agora está aberta uma estrada grande para ele; ganhou esta filha com nome bonito. Filha que lhe arranjaram e começa a sentir apegado a ela, porque desde que foi preso se separaram, ela ficou na barriga da mãe e ele foi para o xadrez. Agora Ana é uma moça bonita com seus vinte anos bem acentuados. Fogosa desejando conhecer muita gente, aprender coisas, leitura e sabedoria de sonhos infernais. Aí se apegando às histórias que contam os contadores quiméricos. Uma tarde e mais outra que repete, assiste a tudo com uma alegria espantosa que ela traz de berço. Nascida e criada como a mãe bem quisera. O pai esteve distante da criação, embora, muitas das vezes se lembrava. Mas, preso nada podia fazer. Apesar do abandono, Aninha é hoje, até bem comportada. A única vaidade que leva é toma uns banhos de mar, bem freqüente num canto da praia. É tão moça, tão cheia de vida, tão alegre! Que moça assim nunca apareceu por aqui: Ela sabe sorrir. Dá para desconfiar logo que nunca será dona de casa. Porém, aqui na Vila Dois Rios se sente fora do mundo dela. — Aqui, apenas ela vive instigada, completamente pela televisão que incita, e, que vem revolucionando o comportamento feminino desde a década anterior: Ao anoitecer a discoteca estoura na novela *Dancing Days*, tem ainda na tela a personagem Gabriela e Leila Diniz grávida freqüentando de biquíni as

praias do Rio de Janeiro. E a MPB de Elis Regina não sai da cabeça da juventude. Da política ninguém pode ficar de fora, do movimento: "Direta Já", trabalhando a nova Constituição Federal do Brasil. E a mulher brasileira na eminência de marcar o lançamento feminino no mercado de trabalho, ajustando as roupas, às necessidades do visual prático de acessórios como bermudas, calças masculinas e outras peças que antes não usavam e, que agora tomam conta das roupas e surgem os cabelos dos novos estilos como _ punk, andrógeno, brechó, higt-tec e os new age. Deixa Ana Moça completamente tonta em meio a tanta novidade que está chegando ao Brasil e atingindo de cheio a faixa da idade dela.

Um grande problema verifica-se na Vila Dois Rios, com a ausência de lojas para compra de bijuterias, roupas, maquiagem e preparos dos cabelos. A única venda que tem é a do Zequinha lá no início do arruamento, perto da igreja aonde Ana Moça nunca fora desde que chegara aqui. Vez ou outra se ajunta com as amigas para ir ao cinema ver o filme que está passando, o que as vezes não é do seu agrado como foi o caso do "Portugal minha saudade". Mas, contudo se divertiu depois com "Sai da frente", na outra vez que voltou ao cinema para ver Mazzaropi. E, agora está ansiosa para ver umas trapalhadas ditas aventuras de Renato Aragão. O pai que ela veio conhecer. A única coisa que sabe fazer é chama-lhe contador de histórias. Que acabou gostando do divertimento. O mundo do colono-livre Genedir se transformou com a vida de chefe de família, a ponto de nem se dar conta de que fica gastando tempo com besteiras, que somente serve para satisfazer a moça com muita visita. Chagas, por vez desconfia de uma possível armação: Parece que o diabo que mesmo é entregar a filha para ele ou para o amigo Gama. Com objetivo de ampara a moça, aquele preso é capaz de armar tudo aquilo que está armando, com uma filha daquela. O cara faz tudo para amparar a menina.

A tarde quando chega correndo uma viração, com passarinho voando alto para pegar corrente de ar. Chagas não resiste o pensamento na moça

que não lhe sai mais da cabeça. Fica imaginando: Seria mesmo para ele que ela estava olhando? E, aí de longe já ouve as risadas na sala e o Gama contando outras histórias que sabe, diferente das que Chagas conhece. Nesta noite não pude dormir, fiquei com a cabeça cheia de coisas e com isso nem preguei os olhos. Ouvi o movimento nitidamente da estrebaria de boi, cavalo, burros e porcos até de manhã. Levantei para trabalhar dia inteiro. Mas foi quando, o faxina pai de arranjo da moça veio dizer para eu ir à casa dele hoje me falando que a filha disse para combinar aulas de histórias. Ela tinha gostado do meu jeito de contar e até quer aprender. Que ensine a ela alguma história. Fico querendo ensinar, mas tenho medo do colono fazer alguma besteira. Que diabo aquele colono-livre representa naquilo? Respondi coisa alguma ao pai dela. E depois do almoço passei lá. Nem parecia que teve dança e sessão de histórias durante a tarde de ontem. A cara dela era de uma santinha bonita de igreja grande. Que olhar mais lindo! Ela me olhava, fazia uma coisa boa vir por dentro, que à ela não deixava negar nada.

Três dias depois da Fuga do Cinema, numa sexta-feira, comecei ensinar histórias a danada da moça. Prazenteiramente não levava muito jeito para coisa. Contador de história que é contador não serve para ensina, só quer mesmo é contar. E para isso precisa ter voz mansa e vontade franca aos pedidos do público do seu bem querer. Assim fui ventilando na orelhinha da moça de vez enquanto, contando para ela ouvir até dormir, já tarde da noite, aí deixava ela na cama e vinha embora para minha cela do celeiro. Assim contando caso para ela ouvir, ela foi tomando intimidade comigo, deixava dormindo na caminha do quarto dela. Uma noite estava no meu quartinho deitado bem descansando na minha cama, apareceu alguém batendo na parta. Fiquei esperando bater mais outras vezes. Levantei e abri, era a Ana. A moça tinha saído de casa com consentimento do pai, abraçou comigo chorando. Vou lhe dizer uma coisa, rapaz. Se tivesse um raio caído naquela hora no coqueiro do Estábulo,

não tinha sido igual. Pois era a filha do colono velho preso. Estava ali em pêlo de pé na minha frente se entregando. Tive medo, vontade de não ceder, faltava coragem para fazer o que ela pedia. A moça não era mais intacta. Rapaz! Ela beijava como se quisesse me comer, arrancar pedaços, gemia chorando como uma menininha nos braços. Convidava para sumir, fugir, desaparecer comigo, furar mundo a fora., casar, ser infeliz, viver comigo como fosse, ela queria tudo isso, rapaz. Mas não queria me deixar. Tive que arranjar uma boa explicação para tudo a quilo que ela estava pensando. Eu um guarda de presídio, cheio de compromissos com a família criada. Os filhos nasceram aqui na vila. A nossa vida não daria certo junto. Mas daquela noite em diante era aquela tentação. O colono, fazendo vista-grossa para me arranjar um pé-de-peia. Tive tempo quente, estava desgraçado e descaminhando a mulher moça. O pai dela podia me arrasar. Nada fez. O que estava no seu direito. Já nem tinha cara de sair por aí. Por onde andava desconfiava de caso ruim acontecendo com atrito de família. Pensei em transferência de unidade para trabalhar. De noite tudo se repetia como da primeira vez. Quando lembro dessas noites, parece que nada é verdade. A idéia de que tudo é mentira. Mas não é. Foi assim atrapalhando a minha vida. Até decidir dar fim no bem bom duma vez para sempre. Pedi uma substituição preparada. Arrumei jeito e a noite, falei com a moça que aquela era a última. Ela abriu o berreiro, chorando de estraçalhar o coração. Fiz franqueza para ela. Do que estava acontecendo para o pai dela não era nada bom e nem para mim. A uva preciosa do pomar dele plantada com sacrifício dos diabos não era eu de comer. A moça ainda me arranjou jeito de discutir os

rascunhos das histórias que marcaram a relação arquivada num caderno, para ser copiadas para quê? O dia de copiar a suas histórias preferidas é uma oportunidade de Ana Moça e Chagas transar mais uma vez: É na verdade um jeito de dar uma saideira. Saideira é muito comum em caso de separação por força maior, em rompimento das relações de amor entre os amantes. Depois desse dia eu disse a ela: Adeus querida. Parti para o Rio de Janeiro de manhã e fui de regresso trabalhar na Divisão de Obras e Material do Sistema Penitenciário e tentar esquecer o mundo do Genedir, Ana Moça e as aventuras com o amigo Sebastião Gama. Procurei uma penitência para fazer, rezando o terço todos os dias para alcançar a paz, pedindo para tirar aquela ânsia de destruição que estava crescendo dentro de mim. A imagem da moça chegava sem esperar. Estava entretido no serviço, aparecia ela como se fosse uma santa linda arrasando de desejo insuportável, Disfarçava saía para andar lá fora. O pensamento insistia vivo, pousado na recordação. Olhava os prédios das ruas e via dos telhados o meu corpo jogado de lá caindo de pernas para o alto, esborrachando no chão, com o rabeção de sirene vindo pega. Vinha o medo. Pedia para sair mais cedo da repartição ia para casa e chegando entrava para o quarto era que o pensamento miserável vinha forte na cabeça. Orava quieto e não dissolvia a maldição. A reza não tinha efeito. Como podia acreditar em reza? Pensava na culpa que carregava nas costas e na consciência. Doideira pensar agora nestes horrores das almas não salvas penando no inferno. Imaginava que tinha contado histórias de mal que mexia com almas sofrendo no purgatório que não era no céu.

POESIA

Ouçã bem o som vindo do mar de Dois Rios!
O eco vibrante choca com a Montanha,
Ressoa entre marulho de vogas e ruídos de navios.
Criatura banha nua no mesmo infortúnio que tinha.

Por qual passa tua imagem famosa,
Bebendo das águas dos rios que correm,
No chão pedregoso deita tua figura formosa.
Sedento lazer na areia limpa teus pés movem.

No mar bravio longínquo navega aquela gente,
Que vem de muito longe além daquela serra,
Onde nasce alvo disco do dia no horizonte,
Também vem visitante linda à praia desta terra.

Na água reflete imagem de largo sorriso.
Rede de pesca prende teu corpo despido.
Pudera ouvir naquela hora teu grito curioso.
Do banho sai o perfume do corpo esculpido.

Tem hora que cai chuva em flocos alvacentos,
Despida suporta o frio e úmidas neblinas.
Corta veloz o mar fugindo dos fortes ventos,
Sente no rosto lindo rajada nadando em surdinas.

Rito da deusa no tempo ruim do mês frio,
Breve é tudo aquilo os rios o vale de visitante,
Teus lábios, teu corpo, cabelo fica pelo rio,
Vaga de dia, de tarde desaparece num instante.

Além da vila vem nadando uma pequena indolente,
Que nas águas a visitante brinca e se banha.
A chuva que cai desce o rio em súbita corrente,
Do mar vem ela chegando toda alegre e assanha.

Vale na sombra tu desapareces na voragem.
Bosque servia de camarim esteve escondida.
Murmura adeus à rica terra selvagem,
Palmeiras acena sempre boa vinda e despedida.

Sinal ainda ela não recebeu da alma que espera.
Saí da água a figura que anda toda nua.
No meu olhar, longe o teu sorriso impera,
Ainda lá no íntimo seio que a voz insinua.

Dois Rios ricos de sons órgãos que soa à tarde.
Prece do rochedo chora triste açoite,
Escravo vale ouvir cantar ganhar tua amizade.
Vila derrama cálice azul acolhe em pernoite.

Deusa da praia perto do meu divino lendário,
Presença que me passa tem canto de paz.
Passa tudo na sombra da luz vazio cenário.
Brilha na praia o sol aquecendo o corpo que traz.

Bela visita volta estende na terra seus lençóis;
Na pedra brilha o marisco e na praia a areia,
Estendida o sol secando teu cabelo de caracóis.
Arrepio juro arranca-me a linda sereia.

EXPEDIENTE

Os TEXTOS e ILUSTRAÇÕES - são da inteira responsabilidade de Hotair, Rua Paraná, Nº 09, Vila Dois Rios, Ilha Grande, RJ.